

# O Czar e a liberdade

Duma correspondência enviada a um diário parisiense, estraiamos os seguintes períodos:

«De vinte e dois redactores de tres periódicos democráticos e revolucionários da Rússia, desanove encontram-se actualmente no cárcere e os diários suprimidos.»

«Tres presos políticos de Moscovo, condenados a trabalhos forçados, dirigiram uma petição ao governo russo solicitando autorização para se alistarem agora no exercito activo que se encontra nas linhas de fogo, mas com a condição de lhes ser comutada a pena depois da guerra. A esta petição respondeu o ministro da justiça, dando ordem aos directores das respectivas prisões para lhe enviarem um relatório circunstanciado sobre o comportamento dos ditos presos. Depois de examinado, prometem que usaria de toda a benevolencia para com eles desde que previamente, assinassem pelo seu proprio punho, uma retratação completa das suas ideias revolucionárias...»

«Bouritzf, que ha tempos publicou em Gênebra um folheto contra a autocracia russa e pelo qual foi condenado pelos tribunais do seu país, tendo, por isso de se refugiar na Inglaterra, supôs que, no momento presente poderia voltar á Russia para assentar praça do exercito activo que se encontra a combater as hostes teutónicas. Mal pôs pé em terras do Czar, foi immediatamente preso. Interrogado sobre o assunto, o ministro do interior declarou que a prisão obedecera a uma ordem do seu colega da justiça, dada ha dez anos!...»

Confrontados estes casos com as palavras pronunciadas pelos nossos illustres patriotas que dizem ser a confagração europeia uma luta pelo progresso e pela liberdade dos povos, haverá alguém que duvide que o Czar infringe aquilo por que se propoz combater?...

# A verdadeira tarefa

Em *La Bataille Syndicaliste*, o camarada Peyramaure, falando com certa ironia da co'rdia reinante em França, cita diversas facadas que os patrões e directores vão vibrando nela—abusos de senhores e patrões, baixa de salários, especulações mercantis, supressão de soldadas a muitos servos, propaganda militarista e clerical desenfreada, etc.—e mostra que, segundo numerosos indícios, a burguesia, fida a guerra, tratará de redobrar a exploração proletária e de recuperar o pouco que antes do conflito teve de abandonar aos seus salarizados.

Por isso, conclui Peyramaure, urge preparar desde já a resistência. Os argumentos não nos hão de faltar; mas é preciso que

se apoiem em coisa sólida e positiva: numa organização de combate, nos sindicatos.

«O dever dos que restam é velar para que o movimento de emancipação que nos custou tanto a criar não se dissolva na tormenta a fim que os nossos militantes, todos os nossos camaradas que foram para a guerra e tiverem a sorte de voltar achem de pé as suas queridas organizações. Poderemos então retomar juntos a nossa tarefa de emancipação da classe operária e fazer ao mesmo tempo todos os esforços para impedir que se produzam novas carnificinas.»

Isso, sim, que é tarefa de revolucionários sociais.

# Entre os socialistas alemães

Acentua-se a cisão entre os socialistas germânicos a respeito da guerra. A minoria de opposição vai ganhando ânimo, apesar da censura, apoiando-se no crescente descontentamento das massas.

No Vertemburgo, a minoria radical, expulsa do órgão do partido, fundou um novo jornal, declarando um orador que o grupo socialista do Reichstag deve ser responsabilizado pela guerra. «Pensai com terror, bradou Crispian, no dia de ajuste de contas, quando as viúvas dos trabalhadores mortos na guerra vierem censurar á social-democracia a sua desfeccão.»

Ao mesmo tempo, multiplicam-se entre o povo os sinais de descontentamento e irritação. Nas esquinas de Berlim foi há pouco tempo afixado um cartaz com os seguintes dizeres:

«Dai-nos pão!  
Restitui-nos os nossos filhos!  
Dizei-nos a verdade!»

# Coisas historicas

30-1895 — Os anarquistas accusados de cumplicidade, com Paulo Lega, no atentado contra Crispi, são absolvidos no tribunal de Roma.

## DEZEMBRO

1-1889 — Inicia a sua publicação em Montevideo *A Voz do Trabalhador*, semanário comunista-anarquista.

2-1911 — Aplaudidos por todos os deputados, Ghesquiere e Compère Morel, deputados socialistas, fazem, no parlamento francez, um libelo acusatório contra a Confederação Geral do Trabalho.

3-1897 — Nos Estados Unidos da América principia, Krapotkine, a fazer sua propaganda anarquista, por meio de conferencias.

4-1913 — Os ferro-viarios de Cardiff (Inglaterra) declaram-se em greve, por causa da respectiva companhia despedir injustamente dois empregados, e reclamam a sua reintegração.

5-1891 — Sai, em Milão, (Italia) o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, *O Amigo do Povo*.

6-1835 — Abre-se ao publico o Ateneu literário e científico de Madrid.

# AGUERRA

Nos teatros, nos cafés, na praça pública, onde quer que se reúnam dois, três quatro ou meia duzia de individuos, o assunto logo abordado e acaloradamente discutido, é sem duvida, aquêle que neste momento histórico preocupa a Humanidade, terrivelmente assolada por uma horda de miseráveis conquistadores que em nome de um Direito injustificavel e do seu Deus, incendiario e ladrão, tudo e todos pretendem calcar sob a páta disforme e férrea do teutas visionario e carniceiro.

Ora, que se discutam os lanças honroso da presente e hedionda guerra europeia, pouco me importa. Agora, o que eu não posso tolerar, com calma e desinteresse, é que se desvirtuem calculada e aleivozamente, os componentes que provocaram esta tremenda catástrofe, resultante de tantas, e ha muito, mal reprimidas aspirações megalomanicas.

A guerra é sempre uma calamidade feroz que ensanguenta virgens e enluta inocentes.

Ela é o produto daninho dos rancores leoninos e das ambições insatisfeitas desta degradante e hipócrita sociedade, onde se rouba, oprime, e mata o triste e infeliz deserdado, por prazer, necessidade e... Lei!

Sim. Se não existissem de um lado o *Privilégio* arrogante e feroz e de outra banda a massa trabalhadora, — *O Proletariado* — sempre aviltado e rôto, sempre escravizado e sem pão, tais contedados fratricidas que devástam a Terra, atrazam a marcha auriluzente da Civilização e aniquilam as conquistas do Progréssio e da Liberdade, — cessariam porque, então, a necessidade da luta económica que ora agita a sociedade capitalista para beneficio esclusivo e immediato dos grandes, deixaria de ser provocada por inutil e de influenciar no destino até hoje incerto e amargurado da Humanidade.

Pois, ninguém, ignora, que a cauza eficiente, unica e real que arrastou quase todos os reis tiranos da Europa para a carnificina, para o combate desleal e dinamitista que agora nos assombra de terror e de pasmus, foi e continuará a ser provocada — se porventura, uma purificação social em breve não fór operada pelos elementos revolucionarios de todo o mundo — pelo poderoso e despótico monstro, o Capital, que, na sua insaciabilidade exarcatinha jamais deixará de patentear o seu horror pela equaldade social, única base de pacificação defendida até hoje por todos aquêles que pugnam amorosamente pela emancipação dos trabalhadores.

Em conclusão, Quem lucra, quem é o autentico e único beneficiado destas pugnas mortíferas e bestiais que desmentindo o equilibrio da intelligencia humana, numa maneira tão formal, em pleno século XX, tanto contrariam o progresso da Sciencia, não é o Póvol O trabalhador, aquêle desgraçado que desfalecido moiréja de sol a sol uns míseros, insufficientes centávus, para com êles, e cheio de angustia e desespero atenuar a fome dum lar sem conforto e sem alimento, continua e continuará ainda por muitos anos a sofrer amarguradamente a sua triste odissea de perseguido da sociedade prezente onde o dezamôr impera e o crime reinam triunfantes.

Porisso, a meu vêr, êle só deve preocupar-se seriamente com o seu futuro, desprezando a vitória deste ou daquele heroi corado, — pois, todos os privilegiados são tiranos, — e tratando de agrupar-se em novos núcleos de propaganda e auxilio, sempre com maior coesão, donde irradia uma acção benéfica, conscientemente estudada e viavel que o conduza, num futuro proximo, á posse plena dos instrumentos de trabalho.

Lisbõa.

José Corrêa.

# Todos de acordo

É um facto consumado, a cooperação de Portugal no actual conflito internacional. Todos os arautos da imprensa burguesa o proclamam aos quatro ventos, declarando com ar impávido que tal resolução fó tomada no parlamento, por unanimidade. Nem outra coisa era de esperar visto ser o brio nacional que o exigia, e não serem os individuos, que compõem aquele pántano nacional, que irão dar o corpo ao manifesto.

Por isso não houve saragata; todos se entenderam ás mil maravilhas, esquecendo antigos agravos, para, na melhor paz deste mundo, mandarem os outros para a guerra.

Como tudo isto enoja e revolta... Homens que nada produzem de util, pois passam o tempo na ociosidade, sabendo apenas gritar que amam enternecidamente a sua pátria, e que por ella farão todos os sacrificios, no momento de perigo, quando era preciso traduzir as suas palavras em factos, ordenam aos filhos do povo que marchem, enquanto eles ficam muito regaladamente em casa á espera de noticias dos que foram. Berram que é por um honroso dever, — que devemos combater ao lado da nossa «mel aliada» mas não empunham uma espingarda e marcham para os campos da batalha a fim de cumprirem esse dever honroso! Se eles e todos os patrioteiros tal acto praticassem, evitariam que muito proletario fosse obrigado a deixar para si a familia ao abandono,

sujeita a todas as privações, e ir defender uma cauza que lhe não pertence e da qual não tirará proveito algum.

Então, para mais facilmente o arrastarem para a enorme chacina que assola a Europa, dizem-lhe, por escarneo, que a guerra é para defeza da liberdade.

Isto cauza indignação. Ver individuos que toda a sua vida tem sido uma afronta ao direito e á justiça, que estão sempre prontos a aplaudir todas as violencias governamentais exercidas contra os que se revoltam ao sentirem a tirania dominante, em todos os tempos que dizem que a guerra é por cauza da liberdade, e parece-me, não terem vergonha.

Não se deixe o povo adormecer com as cantigas das sercias politicas, pois que se lhe vem falar em liberdade, é porque isso convem aos interesses deles e tambem porque d'outra maneira já não lhe era facil ludibriar-lo.

Portanto abra os olhos e verá que para conseguir o triunfo da liberdade, não é indo bater-se contra os seus irmãos que, como nós, são perseguidos, explorados e tiranisados, mas, sim por cima das nacionalidades que os dividem, intelligenciar-se de maneira a juntarem os seus esforços para então fazerem a guerra, mas a verdadeira guerra, que trazendo-lhe a plena liberdade, terá como epilogo a queda desta organização opressora, autoritaria e capitalista e sobre as suas ruinas edificarem a sociedade do Bem, do Amor, da Paz e do Trabalho.

F. Bento da Cruz.

# Tecelões em greve

O conflito aberto entre o pessoal da fabrica de cobertores de Contumil e os seus donos, continua de pé, mercê da injustificavel intransigencia destes ultimos que não trepidaram em provocar a justa revolta dos seus explorados, no momento critico que se atravessa.

Julgaram aqueles senhores, que os operarios se resignariam como um rebanho de carneiros ás suas baixas imposições que, francamente, denotam uma falta de escrúpulos e de sentimentos, especialmente no momento critico que ora se atravessa. Os operarios não se intimidaram e repudiaram o gesto dos avaros burguezotes dando uma bela e salutar lição de dignidade, que nos tempos dificeis como os que vão decorrendo, é, sem duvida, digna de registo.

Já não é desconhecido por muita gente que os donos da fabrica em questão, encetaram uma serie de operações junto de alguns operarios, que eles julgam mais fracos em sentimentos, de solidariedade no sentido de os demover da sua nobre attitude tentando assim fazer abortar o movimento

# Folhetim de A AURORA (3)

## Episódios da guerra de 1870

### O SOLDADO PRUSSIANO

No dia seguinte, tocou á alvorada quando rompia a manhã. A noite fóra muito fria; não cessou de chover e, para dormir, não pudemos encontrar a minima porção de palha ou de feno.

Tive muita dificuldade em sair da tenda; obriguei-me a ajoelhar e a engatinhar porque as pernas recusavam-se a levantar-me. Tinha os membros gelados, hirtos como barras de ferro; foi-me impossivel voltar a cabeça sobre o pescoço paralizado, e os olhos, que parecia terem sido picados por agulhas, não deixavam de chorar. Ao mesmo tempo sentia nos ombros e nos rins uma dor viva, lancinante, intoleravel. Notei que os meus camaradas não estavam melhores do que eu. As feições contraídas, a có'rdia, uns coxeando muito, outros curvados e vacilantes, tropeçando a cada passo nas moitas de estevas, estropiados, cobertos de lama. Vi muitos que, atacados de cólicas violentas, se torciam, e, fazendo caréas horribes, apertavam o ventre com ambas as mãos. Alguns, agitados pela febre, batiam os dentes. Ouviam-se tosses secas que despedaçavam o peito, respirações ofegantes, gemidos. Uma febre saiu da toca, e fugiu espantada, com as orelhas agachadas, mas ninguém pensou em a perseguir, como faziamos d'antes. Fimda a chamada, houve distribuição de viveres, pois o comboio de subsistências encontrara, finalmente, a brigada.

Fizemos o rancho, que comemos gulosamente, com uma avidéz de cães esfaimados.

Eu sofria sempre. Depois do rancho, tive uma vertigem seguida de vômitos; e tremia com febre. Tudo, em volta de mim,

girava... as tendas, a floresta, a planície, e, lá muito ao longe, a aldeia cujas chaminés fumegavam na bruma e o céu onde rolavam grossas nuvens escuras e baixas. Pedi ao sarcento para ir a doentes.

As tendas alinhavam-se em duas filas, encostadas á floresta, de cada lado da estrada de Senoches que, desembocando na planície por uma entrada magnifica a ravez de carrinhos, corta, a trescentos metros dali, a estrada de Chartres, e mais além a aldeia de Ballomer, para continuar a sua directriz até Loupe.

Na encruzilhada formada por estas duas estradas, levantava-se uma pequena casa, miseravel e coberta de colmo, espécie de alpendre abandonado, que servia de abrigo aos cantoneiros durante as chuvas. Foi ali que o cirurgião estabeleceu uma ambulancia improvisada, e assinalada pela bandeira de Gênebra, metida numa fenda da parede. Diante da casa, muitos esperavam. Uma longa fila de seres cadavericos, extenuados, uns em pé, com os seus grandes olhos fixos; outros sentados no chão, tristonhos, com os omoplatas salientes e agudas, com a cabeça entre as mãos.

A morte já havia marcado, com a sua horrivel garra, estes rostos macilentos, estes dorsos descarnados, estes membros que pendiam, vazios de sangue e de seiva. E, em presença desta miséria, eu, esquecendo os meus proprios sofrimentos, enterneci-me. Bastaram tres mezes para debrihar estes corpos robustos, acostumados ao trabalho e ás fadigas... Tres mezes!... E estes rapazes que amavam a vida, estes filhos da terra que cresceram, cheios de esperanças, na liberdade dos campos, confiantes na bondade da natureza, acabaram assim!

Um marinheiro que morre todo o mar por sepultura; desde ao eterno nada, embalado pelas ondas harmoniosas... Mas eis-lhe... Qualquer dia, talvez repentinamente, estes esfarelados cairiam, a face contra o chão, na lama dum buraco, caráveres expostos aos dentes dos cães vândalos e ao bico das aves noturnas.

fraternal e dolorosa comiserção, que queria apertar estes desgraçados contra o meu peito, num mesmo abraço, e desejai—ah! com que fervor eu o desejai—possuir, como Iris, com peitos de mulher repletos de leite—para os estender a todos esses lábios exangues.

Entravam um por um na casa, e saiam logo, perseguidos por um grito ou por uma praga... Outros, o cirurgião nem se occupava deles...

Quando chegou a minha vez de entrar, todo o tremor, a um fundo da casa, sombria, contorci-me quatro doentes, deitados sobre a palha, dobrados em arco; um quinto gesticulava, pronunciando em delirio, palavras incoherentes. Um outro ainda, meio erguido, com a cabeça inclinada para o peito, lamentava-se e pedia de beber numa voz fraca, numa voz de criança.

O cirurgião ajudante nem sequer olhou para mim. E vociferou: —Então que é isto? Corja de farçantes!... Dez léguas mais no buxo, molangueirão, e ficas curado... Vamos, meia volta! Marche.

Cruzai, á porta, com uma camponeza que me perguntou:

—E' aqui que está o cirurgião?

—Agora, mulheres!—grunhi o cirurgião—já lante. —Que queres tu?

—Pardão, desculpe, senhor cirurgião—replicou a camponeza, que avançava muito a medo.—Venho aqui por causa do meu filho que é soldado.

—Mas que tenho eu com isso? Acaso estarei encarregado de guardar teu filho?

Com as duas mãos cruzadas sobre o cabo do guardachuva, toda reciosa, examinou o «spo».

—Parece que meu filho está doente, muito doente... Por fôgo vinha ver se o senhor cirurgião sabia d'êle.

—Como se chama?

—Chama-se Ribouilleau.

—Ribouilleau... Ribouilleau!... Vê lá tu no registo.

O enfermeiro, que assava um chouriço, voltou a cabeça.

—Ribouilleau?... — disse êle. Morreu ha tres dias.

—Como? Que diz? gritou a camponeza, cujo rosto queimado empalideceu repentinamente.—Onde morreu êle?... De, que morreu o meu pobre filho?...

O cirurgião «judante interveio, e impellido a velha para a porta, com gesto brutal:

Vamos—grita. Vamos, nada de scenas aqui, hein?... Morreu, pronto! eis tudo...

—Meu pobre filho! meu pobre filho!—gemia a camponeza, com uma dor lancinante.

Afastei-me, com o coração alanceado e tam cheio de desânimo que perguntava a mim proprio se não valia mais morrer logo, despedindo-me no ramo dum árvore ou fazendo saltar o crânio com um tiro de espingarda. Enquanto me dirigia para a tenda, tropeçando, com mil projectos negros atravessando-me o espirito, mal prestei attenção a um miliciano que, encostado a um pinheiro, abria, êle proprio, o abcesso com uma navalha, e, lívido, com o rosto banhado de suor, ligava a ferida donde o sangue corria.

A manhã passou melhor do que eu imaginava. Tive a sorte de não me tocir serviço algum; depois de limpar a espingarda, enferrujada pela chuva, repousei durante algumas horas.

Estendido sobre o capote, com o corpo entorpecido num dormir delicioso que me deixava perceber distintamente os rufidos do campo—os toques de clarim e o relinchar dos cavalos—pensava nos seres e nas coisas que tinha deixado. Mil rostos e mil paisagens desfilarão rapidamente diante dos meus olhos. Revi a minha casa no Prieuré, minha mãe morta, meu pai com o seu grande chapéu de palha, o pequeno mendigo da cabeça clara, e Feliz, o hortelão, agachado nos cantharos, no meio das alfices, espreitando uma toupeira. Revi o meu quarto de estudante, os meus companheiros de escola...

Durante este tempo, os mais vândalos dentre nós, haviam percorrido o campo e

as herdades. Voltaram alegremente, carregados de feixes de palha, de galinhas, de perds, de patos. Um trazia, diante de si, ás vergastadas, um grande porco que grunhia; outro trazia aos ombros um carneiro; ainda outro trazia, preso com uma corda feita de vimes torcidos, um bezerro que resistia comicamente, mugindo e sacudindo o focinho.

Os campônios corriam ao acampamento para se queixar de que tinham sido roubados; eram apupados e corridos.

O general, acompanhado do nosso tenente coronel, que caminhava á sua direita, muito apurinado, com os olhos multi-abertos, veio á tarde passar-nos revista, o seu olhar brilhante, a sua có'rdia vermelha. O seu voz pastosa, mostravam que almoçara muito bem. Mascava uma ponta de charuta apagada, escarrava, soprava e pragu-javo sem saber contra quem nem contra quem porque não se dirigia directamente a ninguém. Em frente da nossa companhia fixou o tenente coronel com o olhar severo, e ouvi-o gaguejar:

—Que porcalhões, estes seus homens! Em seguida afastou-se, vagarosamente, sobre as pernas curtas que vergavam ao peso do ventre...

O resto do dia foi consagrado á vadiagem pelas tabernas de Bellomer. Por toda a parte se viam ajuntamentos e desordens; de resto, eu conhecia já tambem estes assaltos á tabernas, estas perturbações violentas do alcool que muitas vezes degeneravam em conflitos, que preferia ir, com alguns camaradas pacificos, pela estrada, para longe dos tumultos.

O tempo amenisara, e um sol pallido caia do céu, limpo de nuvens. Sentimo-nos em um talude, arqueando as costas ao sol vivificante, como faz um gato sob a mão que o acaricia.

Constantemente passavam carros, carretas, carruagens pesadas, galeras cobertas de toldos, carros de talpas puxados a cavalos. Eram os camponezes da planície de Chartres que fugiam aos prussianos.

Continúa